

Colónia

Pedro s. Martins*

conheço a partida que fabrica o seu próprio adeus
enquanto continuo a pensar que partir é escrever
uma dezena de vezes “não gosto deste poema”
e aguardar pacificamente que o derradeiro
amadurecimento da escrita me bata no ombro,
como um cobrador numa camioneta e diga:

“o seu bilhete?”

tenho treinado para o obter. Todas as noites,
quando todos fingem não viver,
com as pálpebras cansadas
viajo para um corpo menos abatido
e lembro tudo o que por ali vai estando
vagamente esquecido.

não lhe chamaria mutação. Os operários
não se transmutam. Os barcos não
se transmutam. Eu sou a travessia operária
de costume em costume.

“o seu bilhete?!”

pálpebra aberta menino. Pálpebra
aberta sobre o rosto escuro. Simulando
alegrias e tristezas
sinto as veias
bombearem o que não é meu. Há-de
servir para responder
“está aqui” ao revisor.

“o seu bilhete!”

porque não vens comigo? Seremos seres
diluídos na trémula vivência dos outros,
correremos atrás do amadurecimento
da mão
como quem aguarda que as uvas pintem.

não tenho bilhete.

contudo, tenho alguém ao meu lado,
lúcida e apaixonada por quem sobreviverá
ao sono. A escrita deste poema? já disse,
não gosto deste poema, porque não gosto
de palavras que já foram utilizadas.

quem precisa da escrita quando o mundo está
a arder e as uvas a caírem num chão nu?

corpos sulcados com vista para um interior
luminoso. Sim, é isto
o importante.

vem comigo.

laranja

Sei que dia é hoje porque em direcção
a um lugar carregado de planetas
um fluxo de crianças deslumbradas
cruzava a rua,
todas vestidas de laranja.

Sei que dia é hoje porque do outro
lado uma senhora (dona senhora), agrupa
pontas de cigarro ex-abrasadas,
todas vestidas de laranja.

Vi-a daqui:
a cada cilindro beijado descoberto no lancil, o seu peso
arrastado até ao coração. O sangue estremece
e a pesada pedra do quotidiano
derrete-se em seiva sobre a sua boca,
deixando-lhe o interior um pouco mais
perto de estar descosido de movimentos
pungentes.

É no centro deste mundo que a ferida
é mais inocente e húmida. Fascinado,
permaneci territorialmente
à espera que as crianças
se cruzassem com a dona senhora (estimada dona
senhora).

Sentia-se o clarão do chispar entre gerações,

até que uma menina fica de pupilas exaltadas. Via tudo
na varredora (estimadas donas senhoras há muitas)
e é agora uma lenta estátua a arrastar-se da meninice
até que seja ela a varrer pontas de cigarros fumadas por
alguém nesta linha temporal:

eu.

* Pedro S. Martins nasceu no Porto, em 1983. “*colónia*” e “*laranja*” são apenas duas contracções da perna que é a poesia que chega à escrita. Mesmo sem nunca ter publicado em livro, foi convidado para “emprestar” os seus poemas a várias revistas e foi um dos seleccionados para a sessão Poetas Emergentes organizada pela Poetria.

